

6. IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS E AMBIENTAIS E SEUS EFEITOS NA SUBSISTÊNCIA DOS GRUPOS FAMILIARES

A valorização dos espaços litorâneos tem estimulado uma contínua exclusão social e em alguns casos a expulsão de seus antigos habitantes, gerando um movimento de degradação de importantes fontes de autoconsumo e renda para os moradores locais. No Cumbe, as atividades de subsistência integram a maior parte da renda e do consumo alimentar da comunidade e a inserção de grandes empreendimentos como a energia eólica e a maricultura ameaçam a subsistência da população local. Nesse cenário, foram analisados os diferentes pontos de vistas dos residentes do Cumbe, acerca dos impactos gerados após a instalação do parque eólico, comparando com os danos ocasionados pelos viveiros de camarão, os danos não são uniformemente sentidos, onde os residentes desenvolvem percepções diferenciadas acerca dos impactos.

6.1 Impactos da energia eólica

Embora muitos dos impactos presentes hoje na comunidade tenham sido motivados pela implantação da maricultura em 1998, a construção de um parque eólico em 2008, tornou-se palco de numerosos conflitos, em especial por limitações de acesso ao território e seus recursos. O parque eólico foi instalado nos campos de dunas (figura 1) com 28 aerogeradores (57 MW de potência) em uma área total de aproximadamente 656 ha.

Figura 1 – Parque eólico na comunidade do Cumbe, Aracati, Ceará.



Fonte:

Na figura 1 é possível observar a área onde o parque eólico foi edificado, que assim como a maricultura ocupou espaços importantes para a comunidade. De acordo com Meireles (2011), as áreas onde se localizam os parques eólicos tornaram-se ambientes altamente degradados. No Cumbe, estudos de Brown (2011), Moreira et al (2013), Xavier (2013), Leite, Azevedo e Alcântara (2013), Ribeiro (2013), Santos (2014) e Silva (2016) demonstram os diferentes impactos socioambientais ocasionados pela instalação desse empreendimento, assim como os relatos dos moradores que associam a chegada do parque a modificações no seu modo de vida, “*eu fico só imaginando o que essa energia trouxe de bom para esse lugar que eu não sei meu Deus, ela não trouxe nada de bom, porque acabou com um monte de casa, pelo menos com a minha casa que ficava na estrada acabaram*”.

6.1.1 Limitações de mobilidade

O parque eólico foi edificado sobre os campos de dunas, um ambiente bastante utilizado pela população local. Os valores apresentados na tabela 1, revelam o estado de privação a que os moradores da localidade estão submetidos. Ao serem indagados sobre a existência de limitações de mobilidade pelo território, a resposta foi positiva por grande parte dos entrevistados, das 18 famílias respondentes (n=19), 17 afirmaram sofrer restrição de mobilidade, concentrando 11 indicações no escore 1 (muita limitação), com média de 1,78.

Tabela 1 – Respostas as limitações do espaço físico após o parque eólico

Categorias	Quantidade de indicações	Nível de limitação*					Média	Mediana
		1	2	3	4	5		
Sim	17	11	4	0	2	1	1,78	1
Não	1							
Indiferente	1							

* 1 = muita limitação; 2 = limitação; 3 nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco de limitação; 5 = nenhuma limitação

Fonte:

A grande concentração de respostas no escore 1 (muita limitação), expõe a forma como a comunidade se sente em relação ao seu direito de ir e vir pelo território, “*a gente era livre, ele [parque eólico] trouxe tipo um limite a gente não tem mais aquela liberdade de ir e vir, agora se a gente quiser não tem mais*”. Na figura 2, observamos a atual situação da

comunidade cercas, cabos condutores de eletricidade, placas de limitação de acesso comprometem a mobilidade dos moradores locais.

Figura 2 – Cercas e placas limitando o acesso da população



Fonte:

A infraestrutura necessária para que o parque esteja em funcionamento coloca os moradores locais em um estado de constante alerta, muitos não se sentem mais seguros em realizar percursos pelas dunas *“agora ta cheio de perigo o morro, cheio de rede elétrica, no morro de primeiro não tinha isso não, não existia isso não”*, outros, não temem esses riscos mas se indignam por agora terem que apresentar algum tipo de identificação para terem livre acesso ao seu território, *“pela estrada não tem perigo não, mas pra ir pra estrada ele botam mais de mil mordomias pra passar lá que é pra gente não passar lá, a estrada ta mais segura”*.

Uma moradora expõe que *“hoje a gente ainda consegue passar restritamente, mas chegou um tempo de você não poder ir pra praia, poxa e toda a vida você usou a praia e agora você não poder passar pra praia, você ta lá, você se limita, hoje você entra, amanhã você não entra, pra mim isso e uma alteração muito, muito grande”*. Um pescador enfatiza que só pode andar pelas dunas as pessoas que residem na comunidade ou estão acompanhados por elas *“e tem umas cancelas aí, se for alguém que não seja da comunidade eles não deixam passar, tem que ter uma pessoa da comunidade pra acompanhar, mais nois também conseguimos esse espaço [direito de passar] por lutar e dizer que a gente tem o direito”*.

A liberação de acesso aos campos de dunas, ocorreu após muitos protestos, porém, apenas para moradores da comunidade e mediante a apresentação de algum documento de identificação.

6.1.2 Alterações de acesso aos recursos naturais, espaços de lazer e paisagem estética

As limitações de acesso ao território, originaram proibições de acesso aos recursos naturais, no caso do parque eólico, as dunas, o mar e as lagoas tiveram restrição no seu uso comunitário. Na tabela 2, estão expostos a análise dos resultados da escala Likert em relação as alterações de acesso aos recursos naturais originados após a instalação do parque eólico.

Tabela 2 - Resposta ao nível de alteração no acesso aos recursos naturais pelo parque eólico

Categorias	Quantidade de indicações	Nível de impacto*					Média	Mediana
		1	2	3	4	5		
Sim	14	5	8	0	2	3	2,44	2
Não	4							
Indiferente	1							
* 1 = muito alteração; 2 = alteração; 3 nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco de alteração; 5 = nenhuma alteração								

Fonte:

Observam-se na tabela 2, dos 18 respondentes (n=19), 14 famílias afirmaram que após a instalação do parque eólico houve alterações no acesso aos recursos naturais, concentrando pontuações no escore 1 (muita alteração) e no escore 2 (alteração) e com média de 2,44. Os campos de dunas, espaço destinado para o funcionamento do parque eólico, é local de relevante importância para a convivência comunitária. Como ressalta uma moradora “a comunidade ela se movimenta tanto nas dunas no período dos inverno que você não consegue ta na comunidade, você quer subir as dunas, é a tarde e não tem hora é naquele tempo nublado e todo mundo procura o que fazer nas dunas”.

Os campos de dunas são utilizados de diversas formas pela comunidade, desde abrigo nos períodos de enchentes do rio Jaguaribe até para os momentos festivos da comunidade. Uma moradora relata que na atualidade uma de suas maiores preocupações e o fato de não poder mais ter livre acesso aos campos de dunas, principalmente em casos de enchentes do rio Jaguaribe, essa moradora já vivenciou duas grandes enchentes na comunidade, chegando a passar quase 5 meses abrigada em casas improvisados e construídas pelos próprios moradores nas dunas, como ela expõe aqui,

“mas se por acaso vier uma cheia, porque quando tem cheia a gente mora em cima daquele morro ali, faz os nosso barracos tudo ali e o Cumbe você pode subir naquele morro acolá que você vê que o Cumbe todo arodeado de água e com a cheia se algum dia acontecer não tem como fazer, só se subir muito rápido e deixar

tudo porque com esses viveiros ai tudo cheio d'água, a gente vai lá pra cima do morro a gente só vê o Cumbe arrodado de viveiro, água pra todo canto”.

Essas preocupações se intensificam pelo nível de redução da vegetação original e pela quantidade de viveiros próximos as áreas residenciais. Segundo relatos dos moradores a manutenção da vegetação nativa contribuiu para que nos períodos de enchentes as famílias conseguissem se deslocar para áreas mais seguras, já que a vegetação diminuiu a velocidade da água, todavia, hoje os moradores afirmam que em função do desmatamento não teriam oportunidades de salvar os seus bens, *“e se algum dia a gente tiver uma cheia com esses viveiros cheio, quando a água vier de rombo [vier muito rápida], porque antigamente não existia esses viveiros aqui no Cumbe nera, dava tempo de a água vir bem longe”*. Ainda em relação a possibilidade de poderem ocupar ou não os campos de dunas nos períodos de enchente outra moradora expõe que *“a gente fica um pouco, a gente pensa, se Deus o livre vier uma cheia pra cá, onde é que nois vamos escapar, porque nois subia e fazia nossas barraquinhas nos morros”*.

Essas dunas também abrigam o cemitério da comunidade, que durante um longo período ficou impossibilitado de receber a visita dos moradores em função da proximidade com os aerogeradores, *“até a passagem do cemitério só faltaram impata lá”*, além de comprometer o acesso da população ao cemitério Santa Cruz, algumas famílias enfatizam que a dimensão das torres eólicas ofuscaram a imponência da cruz que simboliza a localização do cemitério, *“o catavento trouxe muita mudança, quando você chegava aqui o que você via logo era a Santa Cruz, o morro mais alta, a cruz muito alta, hoje não, você tem é um catavento que supera tudo, muita gente vai la pro catavento, não vai la, ver nosso cemitério, nossas dunas”*.

Outra contestação dos moradores em relação ao acesso as dunas, é que através delas obtinham acesso ao mar, *“de primeiro a gente ia pra praia a gente subia onde queria nesse morros aqui”*, em outra fala uma moradora expõe que *“pra praia só se for de carro e se for de capacete, se for sem capacete volta pra trás é porque antigamente a gente passava ia de pé, ia quase todo mundo de pés e nois ia e voltava e não tinha isso né”*.

Assim como o mar, o acesso as lagoas interdunares também foram comprometidos. A ausência de chuvas e a constante movimentação de maquinários nos campos de dunas para a manutenção do parque eólico tem contribuído para redução de seu volume e em algumas áreas seu total desaparecimento (Figura 3). Nas lagoas os moradores se reuniam para pescar, cultivar alimentos, coletar frutos e para os momentos de lazer. Como enfatiza uma moradora *“e se acabouse, tudo, tinha lagoa, tinha muito peixe. De primeiro as*

lagoa a gente podia lavar roupa, agora eles dizem que a gente não pode mais por causa dos choques desses fios, tem gente fechando os portões pra gente não passar”.

Figura 3 – Maquinário do parque eólico nos campos de dunas



Fonte:

As lagoas assim como o mar eram utilizadas como espaço de lazer, os moradores se reuniam para jogar bola, montar barracas, fazer confraternizações e para banhos nas lagoas. Uma moradora relata que algumas vezes quando estavam reunidos nas lagoas, policiais apareciam solicitando que eles se retirassem do local,

“olha a gente deixou de frequentar lagoas que a gente ia, três lagoas aqui que eram muito, a do murici eu posso dizer que era a melhor lagoa da gente ir, essa lagoa a gente teve uma coisa muito forte por causa das eólicas, de você tá lá na lagoa, na época da lagoa e chegar polícia para lhe tirar de dentro da lagoa então pra mim isso é uma alteração muito grande”.

Muitos moradores principalmente os mais antigos argumentam que as dunas não são mais as mesmas, que as suas características mudaram e que olhar para elas e ver os aerogeradores não traz mais felicidade. Ao serem perguntadas acerca das alterações nos aspectos visuais (tabela 3) após a instalação do empreendimento das 18 famílias respondentes (n=19), 15 afirmaram positivamente, concentrando pontuações nos escores 1 (muita alteração), 2 (alteração) e 4 (um pouco de alteração) com média de 2,89.

Tabela 3 – Resposta ao nível de alteração dos aspectos visuais

Categoria	Quantidade de indicações	Nível de alteração*					Média	Mediana
		1	2	3	4	5		
Sim	15	5	4	0	6	3	2,89	3
Não	3							
Indiferente	0							
* 1 = muita alteração; 2 = alteração; 3 = nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco de alteração; 5 = nenhuma alteração								

Fonte:

Os moradores consideram que a paisagem não é mais natural, como relata uma moradora “*eu gosto da natureza natural, eu penso meus Deus do céu como o homem é capaz de fazer isso aqui, eu não olho com admiração, olha que lindo o catavento não sei o que, eu fico com aquela ideia, meu Deus como é que o homem tem coragem de fazer isso com uma duna*”. Outra moradora expõe que não consegue mais reconhecer a paisagem que fazia parte da sua vida diária

“quando essa eólica chegou é como se o paisagismo tivesse assim mudou drasticamente, era como se fosse tivesse num lugar e não reconhecesse então aquilo que você tinha na memória e como se você não reconhecesse aquilo que tava guardado na sua memória ta entendendo você via coisas bem agressivas aquele olhar que você tinha antes, então dava pra perceber essa agressividade até no olhar pra paisagem”.

Este pensamento parece com o que Pasqualetti (2011a, p. 914) indica, quando ele se refere a dois assuntos chaves na oposição à energia renovável: que a paisagem ou local gera sentimentos emocionais quanto a sua estabilidade ou permanência no tempo, gerando confronto emocional além de meios de subsistência.

6.1.3 Modificações nas atividades de subsistência

Diferentes impactos associados a implantação do parque eólico foram detectados desde o início de sua construção. Um dos danos mais mencionados pelos moradores diz respeito as atividades desenvolvidas pelos residentes e que foram impactadas com a chegada desse empreendimento, na tabela 4, tem-se a descrição dessas atividades e a quantidade de indicações recebidas. A pesca no mar, com 12 indicações e média de 4,75 e a pesca nas lagoas com 13 indicações e média de 4,62, foram as atividades que recebem maior destaque dos residentes. A média e a mediana foram calculadas apenas em categorias que apresentaram indicações acima de 7 famílias.

Tabela 4 – Resposta ao nível de modificações nas atividades de subsistência

Categorias	Quantidade de indicações	Nível de impacto*					Média	Mediana
		1	2	3	4	5		
Pesca Mar	12	0	0	0	3	9	4,75	5
Pesca Rio	0	0	0	0	0	0		
Pesca Lagoas	13	0	0	0	5	8	4,62	5
Coleta de mariscos	0	0	0	0	0	0		
Agricultura	3	0	0	0	2	1		
Árvores	4	0	0	0	2	2		
Horta	3	0	0	0	2	1		
Animais	0	0	0	0	0	0		
Artesanato	5	0	0	0	4	1		
Outro	2	0	0	0	0	2		

* 1 = muito positivo; 2 = um pouco positivo; 3 nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco negativo; 5 = muito negativo

Fonte:

Essas atividades (pesca no mar e nas lagoas) foram categorias mencionadas por diversos entrevistados, estando refletidos na concentração de respostas no escore 5 (muito negativo). A pesca no mar não sofreu diretamente o impacto da instalação do parque eólico, mas as suas imposições quanto a limitações de acesso aos campos de dunas interferiram na continuidade dessa atividade. Um dos moradores relata que em sua opinião esta atividade foi a mais impactada, ele destaca que a pesca no mar ocorre durante o período chuvoso, momento em que os pescadores não podem pescar no rio, além disso, a pesca no mar gera uma fonte de renda mensal e de autoconsumo *“quando eles barraram a nossa passagem, foi muito ruim, porque nos tempos de chuva a gente tira o nosso sustento do mar, a gente não medimo esforço [fizeram o que foi possível] para conseguir a nossa passagem”*. A interrupção da pesca no mar afetou diretamente o sustento das famílias.

Ao serem indagados sobre quais dessas atividades tinham atingido com maior intensidade a comunidade, os moradores, identificaram que os impactos nas lagoas foram sentidos de forma mais intensa, pois tinham um acesso mais frequente em função da proximidade com o núcleo residencial, como destaca alguns moradores, *“porque no mar não teve tanto [impacto nas atividades], a comunidade não tem muito pescador do mar”*, em outra fala, um morador salienta que *“as lagoas se tornavam mais próximas daqui, de nois e o mar se torna um pouco mais distante então os nossos acessos a lagoa eram mais frequentes do que o próprio mar é tanto que era mais de costume a gente ta lá [lagoas] né”*.

Além de ser utilizada como espaço de lazer, os moradores aprenderam a desenvolver nas lagoas um tipo de piscicultura artesanal, pois no início do período chuvoso inseriam espécies de peixe nas lagoas para serem pescadas ao longo do ano, como nos relata uma moradora,

“quando começava a chover agora não que nois tivemo uma estiagem, o pessoal assim que cai uma chuva e que nasce um pouquinho de água na lagoa o pessoal já ia lá e colocava um peixinho lá, e quando era no final do inverno tava todo mundo nas lagoas pescando nas lagoas, pra pegar os peixes da lagoa. Isso era muito assim, o pessoal pescava muito na lagoa, a gente ia pegar e comer pirão”.

A importância que as lagoas têm para os grupos familiares como meios de vida, fica evidente não só nas indicações que recebeu, mas pela forma como esse recurso foi envolvida na vida comunitária. *“As lagoas que nos períodos delas cheia utilizava muito a pesca nas lagoas então foi a mais impactada”.* Uma moradora expõe que chegava a passar várias horas pescando nas lagoas e que também cultivava muitos alimentos nas áreas de vazantes

“eu pescava nas lagoas, de primeira essas lagoas eram tão cheias de peixe que eu ia com o meu irmão com linha de vara, a gente saía de manhã e só chegava as nove horas com a bolsa cheia de traíra, cara, piau, curumata, hoje ninguém tem é nada nos morros a gente tinha era vazante de frutas, batata, melão, melancia, plantava cenoura, tomate, pimentão, e o que a gente tem hoje, mais nada, acabo tudo”.

Grande parte das lagoas foram aterradas ou privatizadas. Muitas famílias utilizavam essa área para cultivar diversos tipos de alimentos como o feijão, jerimum, hortaliças, frutas, etc., e para atividades domésticas como lavar roupa. Como relata uma das moradoras, *“eles [cataventos] impataram duas lagoas e também tem as árvores frutíferas, as nossas plantas nativas, ali foi tudo aterrado, eles aterraram uma parte e a outra tão acelerando a andança do morro, então a maioria da área ta sendo aterrada. Nessa área não tem fruta não”.*

As árvores frutíferas que se localizam próximos as áreas de vazante, foram aspectos ressaltados por vários moradores. Quando se referem as árvores frutíferas relatam que *“nas dunas fixas a gente tinha os muricis, ubaia, ameixa, guajiru, maçaranduba, um monte de frutas de época que era livre, que a gente sempre ia, todo mundo ia, quando tava no período de pegar. Eu subi em cima da duna ontonte [a dois dias atrás] e vi uma área enorme e não tem mais nada”.* Alguns moradores extraíam esses frutos para poder comercializar na comunidade ou na sede municipal (Aracati), *“de primeiro quando eu morava naquela outra casa quando era tempo de caju eu ai mais os meus meninos apanhar castanha no morro para*

vender, agora não pode ir mais, eles fizeram estrada entupiram com tudo não tem mais nada". Os alimentos que antes eram cultivados ou coletados, hoje são comprados ou deixaram de ser consumidos, por falta de poder aquisitivo para adquiri-los em Aracati.

Os cultivos de alimentos em áreas de vazantes e a coleta de frutos sofreram alterações e em algumas áreas total extinção de sua prática. Quando analisadas separadamente observamos que essas categorias foram apontadas poucas vezes, como consta na tabela 4, não significando seu menor valor para os residentes, já que obtiveram escores entre 5 (muito negativo) e 4 (negativo), essa pontuação em menor número demonstra que os confrontos pelo acesso ao mar e as lagoas foram mais intensos.

As famílias que extraíam madeira para a produção do artesanato, da mesma forma, sofrem limitações quanto aos seus locais de extração. De acordo com o cônjuge de uma das artesãs *"Eu vejo os artesão reclamando com esse avanço das dunas, eles aterraram onde eles trabalham, tem alguns cantos que eles não podem passar, porque tem muita fiação por causa do catavento"*. Entretanto, para alguns artesões essas proibições não interferiram em suas fontes de renda pois aprenderam a coletar em outros espaços da comunidade.

A instalação do parque eólico alterou o modo de vida dessa comunidade, influenciando nas suas práticas alimentares e fontes de renda. A diversidade de recursos que possuem configura a forma como convivem com o seu território.

6.1.4 Ameaças, ausência do título da terra e conflitos

Ao discutirmos sobre as ameaças que tem comprometido o sustento familiar, como pode ser observado na tabela 5, o parque eólico obteve apenas 4 sinalizações (n=19), concentrando a maior parte das suas indicações no escore 2 (importante). A carcinicultura obteve maiores índices de pontuação com 13 indicações (n=19) e com média de 1,57, onde o escore 1 (muito importante) foi assinalado por 10 famílias.

Tabela 5 – Respostas ao nível de ameaças que comprometem o sustento familiar

Categorias	Quantidade de indicações	Nível de importância*					Média	Mediana
		1	2	3	4	5		
Parque eólico	5	0	4	1	0	1		
Carcinicultura	13	10	2	1	0	1	1,57	1
Cagece	4	1	2	1	1	0		
Inexistência do título da terra	5	0	3	1	0	1		
Descaso governamental	5	0	2	1	4	1		
Especulação imobiliária	3	1	1	1	0	1		

* 1 = muito importante; 2 = importante; 3 = nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco de importância; 5 = nenhuma importância

Fonte:

A instalação do parque eólico como uma ameaça ao sustento das famílias, apesar de não registrar muitas indicações é visto pelos moradores como uma ameaça relevante. Para algumas famílias o parque eólico apresenta o mesmo nível de ameaça que a carcinicultura, como relata uma moradora

“eu acho também que é tipo a carcinicultura é uma coisa mais sutil, dizem que não é uma energia suja, mas a gente sofreu com a instalação dela a gente sofre até hoje com as privatizações dela, então tipo assim se ele já instalou ai já privatizou quase as dunas toda, ainda falta muito espaço ai que eles poderiam construir então é ficar privatizado geral essas dunas aí pra gente e são dunas que tem uma utilidade muito grande pra gente, como eu já disse é caminho de pesca, tem praia em cima dessas dunas, quando tem os tempo de inverno são lagoas que formam, então também é uma coisa pra você ta constantemente em alerta e é um empreendimento que quando vem ele constrói e não quer nem saber de nada mesmo e você tem que ficar sempre ali, olha aqui tem morador eu preciso desse caminho porque se eu não tiver ele me barra de vez. ali da entrada eu desço e acabou a história isso aqui você não vai mais utilizar para a pesca, não vai mais ter lagoa, não vai mais poder pegar um murici então são duas coisas que você tem que ta constantemente em alerta e essas pessoas ta vindo pra ca explorar e ainda proibir você de andar numa coisa que você sempre andou”.

Os moradores também compreendem que o parque eólico é uma ameaça importante, principalmente pelas alterações que tem realizado nos campos de dunas, e que tem contribuído para os avanços das dunas em direção ao núcleo residencial

“Tudo aterrado, todo o dia ali são 3 máquinas trabalhando né, tirando areia daqui e botando pro outro lado, porque ela podia ficar ali né, mas, eles fazem um processo pra ir mais ligeiro, tirando daqui e jogando ali, ai fica aquele monte alto se ela fica firme num canto ela não vai se espalhar tanto porque ela ta ai né, mas como vai fazendo os montes fica mais facilitado de o vento levar é o que ta acontecendo com a gente”.

A movimentação das dunas também é vista como uma ameaça por outros moradores

“o que vem a prejudicar a nossa comunidade é o modo como eles fazem a manutenção do parque eu não sei se você já foi lá, se já subiram, eles ficam movimentando a área de uma maneira que é diferente da movimentação natural, uma coisa é ela se movimentar a medida dos meses com o vento, cada mês tem uma quantidade de vento x que é a velocidade do vento, outra é a máquina que tira de um lado e joga pro outro, ela toda solta e ela vai embora, tipo assim, é como se a comunidade fosse pra durar 100 anos vai durar uns 70 anos porque as dunas lá da praia estão andando pra cá se fosse só pelo vento, pela natureza demorava muito”.

No caso da categoria descaso governamental, está em muitas falas locais está relacionada muito mais ao apoio que o poder público a nível federal e municipal deu a instalação do parque eólico do que a falta de serviços básicos e de infraestrutura. Muitos moradores associam que a o empreendimento obteve facilidades para sua instalação pois contava com forte apoio do poder público. Verificou-se também na análise dos dados que a categoria inexistência de título da terra é relevante para os residentes, sendo apontada por 3 famílias (n=19), com indicações no escore 2 (importante), todavia, essa categoria hoje só é vista como uma ameaça em função do contexto em que a comunidade está inserida, e não pela necessidade de obter uma documentação oficial, como relata um entrevistado

“pra hoje no contexto que a gente tá é muito importante você ter esse documento da sua terra porque a gente nunca ligou, a gente costuma dizer aqui que a gente nunca ligou pra comprar terra e nem pra esse documento de terra porque a gente achava que tinha o direito, por a gente nascer aqui, a gente achava que não precisa de um documento pra poder provar que a terra era sua né, e hoje a gente tá vendo que a gente precisa tá lutando por esse documento, porque eu moro aqui, eu nasci aqui, me criei aqui, mas eu sei que com o que vem acontecendo com a gente de expulsão eu sei que pode chegar alguém aqui dizendo, essa terra não é sua, você construiu ai mas não é seu, tome aqui pelo o que você construiu e vai embora e se eu tiver o meu documento ele não vai poder dizer isso”.

O sentimento de pertencimento a um lugar e o entendimento de que não seria necessário a comprovação do vínculo com a terra que ocupa, ficou evidenciado também na abordagem sobre o título de propriedade da terra, onde os moradores aos serem interpelados se houve facilitação para a instalação desse empreendimento já que não possuíam a documentação de posse da terra, das 18 famílias respondentes (n=19) como se observa na tabela 6, 9 famílias afirmaram que sim e 8 famílias afirmaram que não, tendo média de 3,11 na escala Likert.

Tabela 6 – Respostas ao nível de facilitação de instalação pela ausência de título da terra

Categorias	Quantidade de indicações	Nível de facilitação*					Média	Mediana
		1	2	3	4	5		
Sim	9	3	5	2	3	5	3,11	3
Não	8							
Indiferente	1							

* 1 = muita facilitação; 2 = facilitação; 3 = nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco de facilitação; 5 = nenhuma facilitação

Fonte:

As famílias que afirmam existir facilitação no estabelecimento desse empreendimento argumentam que se possuíssem o documento do território o parque eólico não teria sido instalado na comunidade, *“facilitou, se a gente tivesse o documento eles não tinham entrado aqui, tinham que pedir permissão pra gente, se autorizasse sim, mas se a gente não autorizasse eles não entravam”*. Por sempre terem livre acesso ao território e seus recursos, essas famílias hoje entendem que a reivindicação do território é uma ação fundamental para a manutenção de suas formas de vida, entretanto, em alguns depoimentos como a exposto aqui, os moradores não compreendem porque o reconhecimento de seu vínculo com o território deve estar atrelado a existência de um documento legal.

“como é que pode eu nasci e me criei aqui não ter direito a um pedaço de chão pra viver, a gente costuma dizer que isso não existe, nois somos os donos daqui, nois sempre usemos esse território e quando é fé gente que mora em São Paulo é que o dono disso tudo aqui, e é a gente quem preserva, é a gente quem cuida, a gente quem mora, então é um fato muito importante que a gente precisa do título da terra”.

Os entrevistados que afirmaram não haver facilitação (8/19) argumentam que *“não, não facilitou porque eles iam se instalar ai de qualquer maneira”*, esse mesmo morador informa que nunca existiu a necessidade de ter um documento na comunidade e que pessoas apareciam para morar na localidade sem a necessidade de comprovar se tinham ou não uma documentação de posse da terra

“não, não influenciou não, a gente não tem documento aqui numa área rural, porque até 40 anos atrás não é do seu tempo, mas é do meu, você podia chegar aqui e dizer eu quero fazer uma casa aqui no terreno de fulano de tal, daí você ia lá no dono do sítio, ai você diz seu fulano de tal eu gostaria de fazer uma casa ali, ai o cara simplesmente dava pra você fazer, hoje você não consegue, nem barato, imagina de graça”.

Moradores relatam que moram na mesma localidade a anos e nunca souberam da existência de um dono,

“chegou um dono ai e eu não sei como é que é, tipo assim, quando eu fiquei sabendo que tinha dono foi depois da eólica, a gente rodava ai nas dunas ai, e eu nunca imaginei que tinha dono, só areia. Direpente o caro chegou aqui marcou os passos, querendo da um de dono pra vender pra sair lucrando né. Esse morros ai no tempo do meu pai a gente cercava as lagoas e não tinha dono e agora tem dono por causa desse projeto ai né, invadiram né, porque esse pessoal ai que tem poder os rico assim gostam de invadir”.

A instalação do parque contribuiu para o desenvolvimento de diversos conflitos internos e externos. Na tabela 7, a existência de conflitos na comunidade após a instalação do parque foi indicada por 12 famílias (n=19), com pontuações concentradas nos escores 1 (muito conflito), 5 (conflito) e 4 (um pouco de conflito) com média de 2,72.

Tabela 7 – Respostas ao nível de conflitos

Categorias	Quantidade de indicações	Nível de conflito*					Média	Mediana
		1	2	3	4	5		
Sim	12	5	5	0	6	2	2,72	2
Não	6							
Indiferente	0							

* 1 = muito conflito; 2 = conflito; 3 nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco de conflito; 5 = nenhum conflito

Fonte:

Os conflitos internos ainda são motivos de muitas discussões na comunidade. Envolvem famílias que de alguma forma “beneficiaram-se” com ações do parque, como por exemplo, empregos temporários, indenizações por danificações em suas residências ou até mesmo uma nova moradia e a ampliação dos pequenos comércios, com a chegada de novos trabalhadores para o parque eólico. Essas famílias não compreendem a instalação do parque eólica como uma atividade negativa, pois associam a sua instalação como uma possibilidade de progresso para a sua comunidade, como podemos observar em um dos relatos: *“os homens desses cataventos queriam botar o Cumbe pra frente, os do Cumbe mesmo, fizeram até greve pros homem num passar, perdemos tudo na vida”.*

Os conflitos externos iniciaram antes mesmo da construção do parque. Uma das maiores reclamações dos moradores referente a esse projeto diz respeito à forma como ele foi instalado na comunidade, onde os moradores não tiveram acesso aos relatórios realizados pela empresa e nos momentos destinados as audiências, os gestores do parque utilizavam-se de

uma linguagem técnica que os moradores desconheciam, não conseguindo compreender muito bem o que a instalação do parque eólico poderia acarretar para a comunidade.

“é assim os empreendimentos né as vezes eles vem muito sutil, pegam a gente as vezes muito de surpresa e as vezes você sabe só uma conversa, diz que vem uma parque, mas é tão distante daquilo que você vivencia que você acha que é só imaginação, não eu acho que não, e aí quando você se bate com a realidade ela é muito cruel porque eles vem sem dar importância, um povo que mora ali e aí foi numa época que a gente se sentiu de um mínimo de importância de um povo que vivia ali, que tinha seus modos de vida, mas muito bruscamente eles vem com violência de impacto tão grande psicologicamente que as vezes você não quer aceitar porque chega a doer tanto, é tanto que pessoas sofreram psicologicamente, ficaram doente mesmo por conta do transtorno que a eólica naquele período causou”.

Outro morador aponta que faltou um maior envolvimento dos gestores do parque eólico com a comunidade

“Porque se eu chego na comunidade e eu sou de fora, eu vou fazer uma reunião com todo mundo falar que eu vou montar um negócio e tal, e é pra todo mundo, falar com todo mundo, olha eu vou ajudar vocês, e o cara chega e faz isso aqui, qual foi a ajuda que tu deu, tu chega e cerca, tem que da um motivo, olha eu vou cercar aqui em cima porque alguém pode mexer mas isso aqui vai ser pra vocês”.

Com o início das obras, outros transtornos começaram a aparecer como rachaduras nas casas, limitações de acesso à estrada principal da comunidade, em função da movimentação de veículos pesados, crescimento de doenças respiratórias, etc.

“ agora eu to morando longe da estrada né, eu sei que quem mora na beira da estrada ainda reclama, quando eu morava naquela casa, que aqueles carros passavam pesado, a poeira cubrindo tudo e a gente não poder nem respirar, sabe que a gente corria com um prato de comida na mão, as poeiras, os carros passando, máquina pesada, chega a casa da gente tremia e a gente corria pra fora”.

Diante de tantos problemas e por não conseguirem dialogar com os responsáveis pelo parque eólico, em 2009, os moradores do Cumbe fecharam por 19 dias a estrada de acesso ao parque (BROWN 2011, MOREIRA et al, 2013; XAVIER, 2013; SANTOS, 2014; NASCIMENTO, 2014; SILVA, 2016). Em função desses acontecimentos a comunidade se tornou um dos lugares mais estudados nos últimos anos sobre conflitos eólicos no Brasil.

Brown (2011) analisou a oposição ao parque eólico umas semanas depois de manifestações contra, inclusive o fechamento da estrada principal que dá acesso ao parque, e argumenta que o surgimento de impactos negativos contribuiu para que muitos moradores se opusessem ao parque eólico, cerca de 30% da população local estava envolvida nos protestos, que resultaram na elaboração de uma lista com 20 demandas. O acesso ao empreendimento só foi liberado após diversas reuniões com os responsáveis pelo parque. Os gestores do

empreendimento relataram que desconheciam a existência de impactos na localidade e se comprometeram a reformar as residências danificadas. Ainda alegaram, que o bloqueio da estrada resultou em prejuízos financeiros para a empresa já que por 19 dias equipamentos e mão de obra ficaram paralisados. Essa paralisação teve repercussão estadual, tornando-se matéria de um dos principais jornais do estado

A importância desses recursos naturais faz com que a comunidade esteja constantemente mobilizada para combater os impactos gerados com a inserção de agentes externos no território, como é possível observar na literatura de cordel “A briga pelos ventos”:

*“Acabou nosso sossego
Tiraram a tranquilidade
Poeira, caçamba e lama
Era a realidade
Desse projeto eólico
Que vinha da cidade [...]”*
(João Luís Joventino do Nascimento, 2010)

Esse cordel foi escrito por uma das lideranças da comunidade em 2010, expondo as mudanças sofridas com a chegada do parque eólico. Os moradores entendem que o seu modo de vida é totalmente dependente da presença desses recursos naturais

6.1.5 Geração de empregos, benefícios e prejuízos

Questões relacionadas a geração de emprego também foram abordadas com os grupos familiares, ao serem questionados se o parque eólico contribuiu para a geração de novos postos de trabalho, os respondentes afirmaram positivamente, como demonstra a tabela 8, contabilizando 17 indicações (n=19), com maior pontuação no escore 4 (um pouco de emprego) e média de 3,28.

Tabela 8 – Respostas aos níveis de geração de empregos

Categorias	Quantidade de indicações	Nível de emprego*					Média	Mediana
		1	2	3	4	5		
Sim	17	2	4	0	11	1	3,28	4
Não	1							
Indiferente	1							
* 1 = muito emprego; 2 = emprego; 3 = nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco de emprego; 5 = nenhum emprego								

Fonte:

Apesar de oferecer empregos para algumas pessoas, essas ocupações ocorreram de forma mais intensa no início da construção do parque, “no começo, trouxe na montagem, trouxe muito emprego, não trabalhou quem não quis aqui no Cumbe, e agora até que eles tão empregando mais um pouquinho, agora tem outras turmas e tão gerando mais um pouco, mas no começo tinha muito viu”, na atualidade, de acordo com um dos vigilantes que é morador da comunidade, o parque chega a empregar 19 pessoas da comunidade, desempenhando principalmente a função de vigilante. Para algumas pessoas pela dimensão do empreendimento o parque eólico poderia ter gerado mais postos de trabalho e deveria ter investido em cursos de capacitação para empregar o maior número de residentes do Cumbe,

“a eólica faltou um pouco mais, era pra ser desenvolvido um projeto, alguns que não tinham capacidade como eletroeletrônica e outras áreas pra poder ficar tomando de conta do parque já que nois vamos ficar aqui, vamos chegar isso pra comunidade em outras regiões que eu viajei outros parque ofereceram e hoje tão trabalhando através dos cursos dados pelo parque”.

Na tabela 8 apenas 1 família (n=19) afirmou não existir empregos com a chegada do parque eólico, está moradora informa que não considera esses empregos, pois foram gerados em detrimento de importantes fontes de alimentação e lazer da comunidade. Muitas famílias amenizam os prejuízos gerados pelo parque eólico em função de alguns benefícios, como por exemplo, a geração de empregos temporários e alguns postos efetivos. Como podemos observar na tabela 9, das 18 famílias respondentes (n=19), 16 afirmaram que a instalação do parque eólico tem gerado mais prejuízos do que benefícios, com indicações maiores nos escores 1 (muito prejuízo) e 4 (um pouco de prejuízo) com média de 2,61.

Tabela 9 – Respostas aos níveis de benefícios e prejuízos

Categoria	Quantidade de indicações	Nível de prejuízos*					Média	Mediana
		1	2	3	4	5		
Benefícios	5	6	3	0	6	2	2,61	2
Prejuízos	16							
Indiferente	1							

* 1 = muito prejuízo; 2 = prejuízo; 3 = nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco de prejuízo; 5 = nenhum prejuízo

Fonte:

As 5 famílias que informaram existir benefícios, 4 delas também destacaram que o parque eólico trouxe prejuízos, *“eu lhe digo que fica nos 50%, a gente sabe que existem os impactos e tudo e existe a necessidade da geração de energia o mundo precisa disso o que precisa dela e se comprometer, ela prometeu muitas coisas”*.

As famílias que afirmaram existir mais prejuízos do que benefícios relatam que *“não teve desenvolvimento, eles prometeram demais, prometeram muito mesmo pra comunidade e não cumpriram nada, não fizeram nada, um colégio, uma creche, um benefício pra comunidade, o que eu vejo é que o povo apodrece aqui, ta vendo isso ai que vem de fora, não da valor aos nosso modo de convivência, entendeu”*. Outras famílias ressaltam que o que foi criado dentro da comunidade não foi nenhum benefício e nem foi feito por iniciativa dos gestores do parque, mas foram realizados após muitos protestos dos moradores

“olha o pessoal chama que eu não vejo benefício sabe, sinceramente eu não vejo eu só bem sincera o pessoal fala muito que a eólica deu emprego e que na hora da construção ia ter emprego eles precisaram usar e nem queriam ne, a gente fez uma luta pra alguém conseguir algum emprego e alguns diz, a eólica deu casa pra vocês, não ela não fez casa pra ninguém, ela reparou o que ela desmantelou, isso a eólica não deu de boazinha não ela quebrou, ela rachou casa teve casas que inundaram porque ela subiu o nível dessa estrada ai para melhoramento da passagem dos caminhões dela, que antigamente a gente costuma dizer que a água batia aqui, descia pela estrada e ia procurar seu rumo, eu aqui que tive que aumentar o nível da minha casa, o alicerce era baixo mas eu nunca tive problema enquanto não tinha eólica depois que começou a ter que subiu o nível da estrada então a água não tinha pra onde ir então eu quem resolvi o meu problema eu quem fiz meus gastos eu é que fui saber por onde a água ia passar agora pra gamboa”.

Algumas famílias não reconhecem esses benefícios que são mencionados por outras famílias da comunidade, pois entendem que os danos foram bem superiores e comprometem o modo de vida da comunidade

“quando a gente relata o pessoal bate muito de frente é mais a eólica deu um dinheiro pra uma casa, deu emprego, não a eólica tirou os nossos acessos, a eólica tirou nossos livres acessos, ele poderia ajudar muito mais, muito mais, nos ajudar realmente, vocês tem essa lagoa aqui, vocês precisam dela, essa lagoa vai ficar livre pra vocês, não eles fazerem um aerogerador em cima de uma lagoa e dizer agora vocês não podem mais vir porque vai correr risco se ia correr risco coloque em outro canto, se ia impedir caminho coloque em outro canto, se não vai poder ir pra praia coloque em outro canto, então pra mim ela causou até agora ela causa muitos danos pra gente, ela causa danos por limita a gente por não deixar a gente andar, danos pelos conflitos que coloca comunidade contra comunidade e a eólica não tem nenhum programa social voltado para a comunidade, alguma coisa que faça o bem para a comunidade assim os recursos que eles tiram da gente daqui que privatizam a nossa área eles tinham que ter alguma coisa voltada para a comunidade um trabalho, um trabalho sério mesmo com a comunidade eles tão usando o nosso território, eles estão usando os nossos recursos naturais que é o vento, eles tão usando sim e vem dizer que ta emprego, da emprego pra duas ou três pessoas da comunidade eu não vejo nada de vantagem nisso aí não”

Como podemos observar, os quilombolas do Cumbe têm enfrentado rápidas transformações no seu modo de vida, pois mesmo residindo na mesma localidade a várias gerações, não possuem direito legal sobre as áreas que ocupam.

6.2 Impactos da carcinicultura

Com a atividade de maricultura, as primeiras modificações em seus modos de vida ocorreram em 1998 com a instalação dos primeiros tanques para a comercialização do camarão em cativeiro (figura 4). A expansão dessa atividade ao longo dos anos, resultou na privatização de áreas de trabalho e lazer. Seu crescimento de forma acelerada propiciou impactos diversos aos recursos naturais e a população local (MEIRELES et al., 2007; LIMA, 2008; TEIXEIRA, 2008; NASCIMENTO; SILVA, 2013; PINTO et al., 2014; NASCIMENTO, 2014).

Figura 4 – Tanques de carcinicultura na comunidade do Cumbe, Aracati, Ceará.



Fonte:

A carcinicultura no Cumbe além de ocupar o manguezal tem-se expandido para áreas de apicum, salgado e para a base dos campos de dunas, comprometendo espaços utilizados pela comunidade para a prática da mariscagem, pesca e como acesso a certos setores do manguezal (MEIRELES, et al., 2007), como podemos observar no relato de uma moradora “*sumiram tudo, até os siris se sumiram, depois desses viveiros se acabaram tudo, ta tudo seco ai, porque hoje tem um bucado de rapaizinho sem emprego, porque pelaram o mangue quase todo pra fazer viveiro, isso não podia ser, não podia ser uma coisa dessas*”. A carcinicultura juntamente com a exploração pesqueira são as duas maiores ameaças ao ecossistema manguezal, pois além de gerar danos ao meio ambiente, impactam socialmente as populações, muitas vezes expulsando-as de suas áreas de lazer e trabalho (PINTO et al, 2014).

6.2.1 Limitações de mobilidade

Assim como o parque eólico, a prática da maricultura ocasionou limitações do traslado dos moradores, principalmente pelas áreas de manguezal. Na tabela 10 ao relacionar os níveis de alteração que o parque eólico proporcionou em comparação a carcinicultura, o parque apresentou resultados inferiores, concentrando pontuações no escore 4 (um pouco de limitação) e com média de 3,5.

Tabela 10 – Respostas aos níveis de limitação comparando com o parque eólico

Categorias	Quantidade de indicações	Nível de limitação*					Média	Mediana	Nível de limitação** comparado a carcinicultura					Média	Mediana
		1	2	3	4	5			1	2	3	4	5		
Sim	17														
Não	1	11	4	0	2	1	1,78	1	2	2	1	11	2	3,5	4
Indiferente	1														

* 1 = muita limitação; 2 = limitação; 3 = nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco de limitação; 5 = nenhuma limitação
 ** 1 = muito mais; 2 = muito; 3 = nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco menos; 5 = muito menos

A privatização das áreas de manguezal e do rio (figura 5) foram limitações apontadas por diversas famílias, tendo mais intensidade como pode ser observado na tabela 10, dos que as limitações geradas após a chegada do parque eólico

“os dois [parque eólico e carcinicultura] eu acho que tá numa balança super balanceada por que aqui como a carcinicultura foi construída como a gente chama na parte de baixo, na parte onde a gente mora né ela nos limitou aqui na parte de baixo na parte de rio, na parte de vajada nos limitou completamente, a carcinicultura nos cerca na parte do rio e do mangue e a eólica nos limita na parte da praia, nas lagoas, nos caminhos tem muitas limitações quer dizer em cima das dunas e em baixo então eu vejo uma limitação quase que igual”.

Figura 5 – Limitação de acesso ao manguezal pela carcinicultura



Fonte:

Pela proximidade com as áreas de manguezal e com o rio os moradores diariamente desenvolvem atividades nesses recursos, inclusive moradores que em função de sua idade já não conseguem ter um fácil acesso aos campos de dunas.

“a carcinicultura proibiu mais, porque foi muita cerca por todo o canto ai porque aqui você ia bater la na boca da barra, agora você vai e passa por direto cerca, e depois mais cerca, passa outra. Nossa atividade do marisco nois que somos mulheres sofremos demais, porque como nois ia de pé, nois procurava por caminhos mais perto e nois tinha que fazer percursos bem longos por conta das cercas né, então isso ficou muito ruim pra nois que as vezes não temo transporte e que nois ia de pé ou uma bicicleta e nois queria amenizar caminhos que a gente tinha bem antes e hoje foram tirados totalmente esses caminhos, foram tirados, foram fechados”.

Essas famílias em algumas áreas do território só podem passar se os proprietários dos viveiros autorizarem o traslado.

6.2.2 Alterações de acesso aos recursos naturais, espaços de lazer e paisagem estética

As restrições de mobilidade, assim como o parque eólico contribuíram para gerar limitações de acesso as áreas de manguezal e ao rio. Na tabela 11, tem-se o nível de alteração gerados pelo parque eólico, já discutidos em momentos anteriores, mas que quando comparados as limitações provocadas pela carcinicultura, recebem pontuações inferiores. Quando perguntados sobre o nível de alteração do parque eólico em comparação a carcinicultura os moradores apontaram que o parque eólico ocasionou um pouco menos (escore 4), com 8 indicações e muito menos (escore 5) com 7 indicações e com média de 4,11.

Tabela 11 – Respostas aos níveis de alterações de acesso aos recursos naturais

Categorias	Quantidade de indicações	Nível de emprego*					Média	Mediana	Nível de emprego** comparado a carcinicultura					Média	Mediana
		1	2	3	4	5			1	2	3	4	5		
Sim	17														
Não	1	2	4	0	11	1	3,28	4	0	2	1	8	7	4,11	4
Indiferente	1														

* 1 = muito emprego; 2 = emprego; 3 = nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco de emprego; 5 = nenhum emprego
 ** 1 = muito mais; 2 = muito; 3 = nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco menos; 5 = muito menos

Fonte:

Alguns moradores destacam que a carcinicultura tem ocasionado mais limitação de acesso, principalmente porque estão dentro do território controlando o dia a dia da

comunidade e o acesso ao manguezal e o rio, e por ocuparem extensas áreas “a carcinicultura, muito mais que a eólica, você pode subir da nascente a foz, você só vai ver limitação”.

“a gente ia por onde a gente queria, houve uns caminhos antigos que foi tirados, porque a gente tinha caminhos antigos e você não conhece hoje por causa dos paredões dia e noite e você sabe vigia é vigia você tá lá de sentinela 24hs quem passou foi beltrano, quem passou foi ciclano diz com certeza, quem passou foi marcelo lá de perto do morro que vigia, então tirou bastante essa liberdade”.

A inserção dessa atividade na comunidade limitou espaços de lazer e alterou a paisagem estética, na tabela 12 foram comparados os níveis de alteração dos aspectos visuais proporcionados pela energia eólica e pela carcinicultura, das 18 famílias respondentes (n=19) 15 afirmaram existir alterações nos aspectos estéticos. O parque eólico apresentou concentrações de pontuações nos escores 1 (muita alteração), 2 (alteração) e 4 (um pouco de alteração), e quando comparado com a carcinicultura, os níveis de alterações nos aspectos visuais não se distanciaram como em outras categorias, pois apresentou 10 indicações no escore 4 (um pouco menos) que a carcinicultura com média 4.

Tabela 12 – Respostas aos níveis de alterações dos aspectos visuais

Categoria	Quantidade de indicações	Nível de alteração*					Média	Mediana	Nível de alteração** Comparado a carcinicultura					Média	Mediana
		1	2	3	4	5			1	2	3	4	5		
Sim	15														
Não	3	5	4	0	6	3	2,89	3	0	2	1	10	5	4	4
Indiferente	0														

* 1 = muita alteração; 2 = alteração; 3 = nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco de alteração; 5 = nenhuma alteração
 ** 1 = muito mais; 2 = muito; 3 = nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco menos; 5 = muito menos

Fonte:

Para os moradores a carcinicultura e o parque eólico ocasionaram importantes alterações nos aspectos visuais, mas em ambientes diferentes, “aí [manguezal] mudou mais, é um sofrimento, de um lado e de outro Jesus”. A carcinicultura alterou paisagens próximas as áreas de manguezal e o rio, como destaca uma moradora “dava gosto de ver o verde que tinha você olha hoje e vê tudo seco, uma coisa apagada, o verde era tão grande”. Os danos ocasionados pela carcinicultura desperta um sentimento de tristeza pelo nível de degradação que apresentam “hoje chega a doer no coração da gente quando a gente vê áreas que é como que a gente sente que essas áreas elas tão contaminadas não sei se é bem assim a palavra, mas assim, ela chega a ser tão agredida no olhar da gente que as vezes chega a doer né”.

6.2.3 Modificações nas atividades de subsistência

Da terra ao mar as relações foram sendo estabelecidas e diversas atividades econômicas e culturais foram sendo desenvolvidas. As áreas de manguezal são utilizadas para a coleta de caranguejo, extrativismo vegetal e para momentos de lazer. Para muitos moradores o manguezal representa uma fonte de vida. Simbolizando um lugar ocupado e usufruído por várias gerações, onde se retirou e retira o sustento de toda uma família, “*o mangue é o ganho dos rapaizinhos, é o ganho dos pais de família*”.

A ampliação dos tanques para a criação do camarão em cativeiro comprometeu importantes fontes de renda, pois grande parte do que é extraído no manguezal é comercializado pela população. A forma como os viveiros são construídos desmatando grandes áreas de manguezal e os rejeitos que geram, causam indignação em muitos moradores “*porque o que matava o caranguejo não era a água que saía do viveiro era a meta [metabissulfito de sódio] que ele usavam para conservar o camarão ai a meta eles jogavam no rio ai aquela meta ali é que matava os peixes, os caranguejos e tudo o que tivesse no rio*”.

A despenca uma das etapas do processo de criação do camarão, corresponde a etapa em que os camarões são retirados dos tanques e mergulhados em uma solução contendo substância antioxidante (sal metabissulfito de sódio) que são utilizadas para impedir a formação de manchas no camarão. Com a finalização dessa etapa, os rejeitos dessa solução deveriam ser tratados antes de serem descartados, entretanto, poucos são os carcinicultores no Cumbe que realizam essa prática, principalmente pela ausência de fiscalização, como relata um morador

“Foi nos períodos das despescas e não tinha controle ai a gente não sabia o motivo daquela mortandade que tava acontecendo e ai depois que a gente foi saber que quando eles jogavam quando tinham aquelas despescas tudo no rio Jaguaribe e ai matando, e ai assim muito né, na época começou quando a carcinicultura chegou era todo mundo jogando nas gamboas e ai isso foi fortíssimo, porque aquilo ali vai se assentando no mangue, vai se assentando e ai a água vem enchendo, ela vai arrastando tudo e ele vai la pra frente, espalha tudo”.

As limitações de acesso aos recursos naturais em decorrência do cercamento de importantes setores do manguezal e de caminhos que davam acesso ao rio alteraram locais onde a mariscagem era constantemente realizada, essas limitações contribuíram para que algumas famílias diminuíssem os dias dedicados a mariscagem e em alguns casos até abandonassem sua prática em função dos longos caminhos que agora precisam realizar para chegarem aos mariscos “*o percursos aumentou um meia de 2 horas ida e volta*”.

“o marisco que a gente tira bem próximo de uma carcinicultura do Rubem inclusive lá pra gente passar ou passa na cerca do terreno dele porque a cerca esta quase dentro do mangue então ele não respeita esses caminhos e ai é tanto ou você passa pela cerca que ele fez ou então você se arrisca com as ostras e com tudo que tem no mangue nem todos tem embarcação”.

Apesar das dificuldades que as famílias encontram na prática da mariscagem, muitas famílias lutam pelo direito de continuar exercendo essa atividade pela importância que ela representa para o sustento familiar como relata uma moradora

“a mariscagem ela é muito forte aqui na nossa comunidade, eu via a minha mãe pescando não é porque era obrigação, mas tipo assim não é obrigação, mas você vê uma comunidade que as vezes você não tem o que comer e vai pro no mangue e pega, então assim era uma coisa que era constantemente a mulher fazer, o marido tinha um trabalho e não podia pescar e a mulher ficava mais fácil de ir pegar o búzio”.

A derrubada de árvores frutíferas para a construção de viveiros também afetou as fontes alimentares da população, como expõe um morador *“derrubou um monte de mangueira macho ali, tinha uns 50 pés de mangueira, butador de fruta, derrubaram tudo pra salgar o terreno pra viveiro, pra gente pegar uma manga agora a gente tem que comprar e antigamente a gente pegava em qualquer lugar aqui”.*

6.2.4 Ameaças, ausência do título da terra e conflitos

A carcinicultura é vista pela população local como uma ameaça muito importante, na tabela 13 tem-se a descrição das principais ameaças que comprometem o sustento familiar dos residentes do Cumbe. Nota-se que a carcinicultura recebeu 13 indicações (n=19), tendo uma maior concentrada de pontuações no escore 1 (muito importante), com uma média de 1,57, bem superior se compararmos com os valores gerados pela energia eólica (5 indicações).

Tabela 13 – Respostas ao nível de ameaça

Pergunta da pesquisa	Categorias	Quantidade de indicações	Nível de importância*					Média	Mediana
			1	2	3	4	5		
Quais as principais ameaças que comprometem o sustento de sua família?	Parque eólico	5	0	4	1	0	1		
	Carcinicultura	13	10	2	1	0	1	1,57	1
	Cagece	4	1	2	1	1	0		
	Inexistência do título da terra	5	0	3	1	0	1		
	Descaso governamental	5	0	2	1	4	1		
	Especulação imobiliária	3	1	1	1	0	1		

* 1 = muito importante; 2 = importante; 3 = nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco de importância; 5 = nenhuma importância

A quantidade de indicações e de acordo com relatos da população local, a carcinicultura se tornou uma ameaça muito importante pois tem alterado drasticamente suas fontes de renda, principalmente a coleta de mariscos. Isso ocorre pois a carcinicultura impacta diretamente as fontes de renda e alimentação, “*se a gente for analisar tem um pouco de tudo, a gente vê nessas opções o que ta nos afetando realmente é um conjunto, mas como a gente tira o nosso alimento diretamente do manguezal e aí a gente sente o dia a dia o quanto isso tudo ta impactando, isso aqui a gente sente diário*” Um dos moradores também destaca que “*a carcinicultura é insuperável, ela passa por cima de todas aí [todas as alternativas apresentadas no questionário]*”. No depoimento de uma moradora, ela expõe que a carcinicultura

“é uma ameaça super importante que a gente tem que ta constantemente vendo, porque assim, a carcinicultura tomou um território imenso da gente, principalmente as nossa área de trabalho né, e é o que a gente diz assim, se a gente constantemente lutando isso se expandiu tanto imagina se a gente não faz nada já tinham destruído nossas casas botado trator por cima e já tinham expulsado a gente daqui então a carcinicultura é uma coisa a muito a se preocupar, toda dia, todo dia ta se preocupando, quais são o planejamento dele pra nossa comunidade”.

Esse nível de ameaça compreendido pelos moradores fica evidente pois das 19 famílias entrevistadas 13 apontaram a captura de mariscos e 10 a pesca no rio como as principais fontes de alimentação e renda de suas famílias. Os impactos que a carcinicultura desencadeou nas atividades desenvolvidas pelos moradores é motivo de constante preocupação para as famílias que dependem desses recursos para sua sobrevivência, pois no ano de 2003, segundo relatos dos moradores, o caranguejo começou a apresentar um alto índice de mortandade, em função do constante lançamento de efluentes nas áreas de manguezal e no rio. Como alerta um catador de caranguejo

“Foram eles [empreendedores da carcinicultura] que mataram um tempo o caranguejo, ficamos dois anos sem caranguejo e foi desesperador e foi de repente, eu trazia caranguejo vivo, quando chegava em casa tava morto e foi muito desesperador porque a nossa economia ainda é muito do manguezal nois tiramo o dia a dia do manguezal. Tivemos que se sujeitar a cortar mangue pros empresário pra sobreviver por que não tinha condição ou fazia isso ou passava fome. Foi e foram eles que fizeram isso”.

Ao discutirmos sobre a facilidade que esses viveiros tiveram para se instalar na comunidade devido à ausência de título da terra, observamos que os valores indicados nas respostas sim ou não ficaram bem próximos, com 9 e 8 indicações (n=19) respectivamente. Na tabela 14, quando comparado o nível de facilitação entre o parque eólico e a carcinicultura,

o escore 4 (um pouco menos), com 9 indicações e com média de 3,5 demonstra que a carcinicultura obteve maior facilitação para a instalação na comunidade.

Tabela 14 – Respostas ao nível de facilitação de instalação pela ausência de título da terra

Categorias	Quantidade de indicações	Nível de facilitação*					Média	Mediana	Nível de facilitação** comparado a carcinicultura					Média	Mediana
		1	2	3	4	5			1	2	3	4	5		
Sim	9														
Não	8	3	5	2	3	5	3,11	3	0	2	7	9	0	3,5	3,5
Indiferente	1														

* 1 = muita facilitação; 2 = facilitação; 3 = nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco de facilitação; 5 = nenhuma facilitação
 ** 1 = muito mais; 2 = muito; 3 = nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco menos; 5 = muito menos

Fonte:

Um dado que nos chama a atenção é o número de abstenções com 7 (n=19) indicações no escore 3 (nem concorda e nem discorda). A maior facilidade de acesso ao território e o número de famílias que preferiram se abster sobre essa questão está no fato de que algumas pessoas possuem fortes vínculos familiares e empregatícios com os carcinicultores, preferindo não emitir opinião negativa sobre a carcinicultura.

As relações pessoais e profissionais criadas com os donos dos viveiros contribuíram para a geração de diversos conflitos na comunidade. Na tabela 15, 12 famílias (n=19) afirmaram existir conflitos internos e externos. Ao compararmos os níveis de conflitos gerados pelo parque eólico e pela carcinicultura, o parque eólico, recebeu pontuações indicando um pouco menos (escore 4) com 8 indicações a muito menos (escore 5) com 6 indicações.

Tabela 15 – Respostas ao nível de conflitos gerados pela carcinicultura

Categorias	Quantidade de indicações	Nível de conflito*					Média	Mediana	Nível de conflito** comparado a carcinicultura					Média	Mediana
		1	2	3	4	5			1	2	3	4	5		
Sim	12														
Não	6	5	5	0	6	2	2,72	2	0	2	2	8	6	4	4
Indiferente	0														

* 1 = muito conflito; 2 = conflito; 3 = nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco de conflito; 5 = nenhum conflito
 ** 1 = muito mais; 2 = muito; 3 = nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco menos; 5 = muito menos

Pelo fato de estarem inserido na comunidade desde o final da década de 1990, os conflitos envolvendo os carcinicultores são sentidos diariamente. Ao serem questionados acerca da intensidade desses conflitos um morador expõe que “os do viveiro é mais, são muito mais do que os cataventos, porque pelo menos quando a energia eólica vem, eles vem com

muito dinheiro, então eles perguntam logo o que você tá precisando, aí eles dão um jeitinho por lá, e eles aí, eles não. A gente briga e ele não tá nada”.

Outro morador destaca que *“os dois contribui, mas o pior é a carcinicultura, a carcinicultura é muito mais. A eólica não cumpriu o que ele prometeu e a comunidade não da mais apoio a eólica, já a carcinicultura a comunidade tá dividida”.* O envolvimento de algumas famílias com os proprietários dos viveiros tornou os conflitos intracomunitários mais delicados, alguns moradores relatam que a convivência está comprometida, pois muitas famílias já não se relacionam mais em função de estarem em lados opostos *“tem muito, muito conflito não teve morte, mas chegou perto de ter morte, um conflito muito grande que jogou minha família contra mim, aí é um conflito maior porque é entre família”.* Ainda dando destaque aos conflitos um morador destaca que

“Às vezes são muitos conflitos, nós já pegamos conflitos com eles muito pesados naqueles viveros ali, eles vieram com uma máquina e tudo e devastaram tudo nosso e nós não tivemos como revogar por causa da força do dinheiro, mas Jesus mandou suas mãos dos ceus e fechou a fazenda de uma só hora, um só dia e nos não ficamos como eles se vangloriando, soltando bomba, como eles não, nos só estamos também um pouco assustados, porque quando Deus manda uma coisa não é só para um. O que eu quero dizer é que eu não quero mal pra eles e nem pra famílias deles, nem pra ninguém eu quero o bem deles e de todos eu não só contra eles”.

As promessas de estabilidade financeira geradas pelos carcinicultores é o maior motivador de conflitos, fazendo com que alguns pescadores abandonem suas atividades tradicionais, para o desenvolvimento de atividades temporárias, ficando vulneráveis à oferta de empregos disponibilizados pela carcinicultura.

6.2.5 Empregos, benefícios e prejuízos

As ocupações temporárias que a carcinicultura gerou aos longos dos anos contribuiu para que as pessoas associassem a permanência na comunidade como possibilidade de benefícios para as famílias. Na tabela 16, quando perguntados sobre os empregos gerados com a instalação dos viveiros 17 famílias (n=19) afirmaram que essa atividade ofertou para a comunidade novos postos de trabalho. Ao comparar as ocupações geradas pelo parque eólico e pela carcinicultura, está última supera os empregos gerados pelo parque eólico, que concentrou pontuação no escore 4 (um pouco de emprego) com 8 indicações e no escore 5 (muito menos) com 7 indicações comparado a carcinicultura, com média de 4,11.

Tabela 16 – Respostas ao nível de empregos gerados pela carcinicultura

Categorias	Quantidade de indicações	Nível de emprego*					Média	Mediana	Nível de emprego** comparado a carcinicultura					Média	Mediana
		1	2	3	4	5			1	2	3	4	5		
Sim	17														
Não	1	2	4	0	11	1	3,28	4	0	2	1	8	7	4,11	4
Indiferente	1														

* 1 = muito emprego; 2 = emprego; 3 = nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco de emprego; 5 = nenhum emprego
 ** 1 = muito mais; 2 = muito; 3 = nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco menos; 5 = muito menos

Segundo relatos dos moradores os conflitos existentes entre os moradores estão relacionados a grande oferta de empregos, como relata uma moradora *“trouxe ais emprego ela chega a ser conflituosa mais por conta disso, tem pessoas empregadas na carcinicultura ai fica aquela tensão, mais cada qual defende o seu emprego e desqualifica o mangue mas quando sai desse emprego é o mangue que abraça né”*.

Os moradores argumentam que não são contra a inserção de pessoas da comunidade como funcionários dos viveiros, mas ressaltam que essas pessoas poderiam questionar algumas ações desenvolvidas pelos carcinicultores e que comprometem o sustento das famílias que dependem do manguezal, *“se o povo que trabalhasse dentro da carcinicultura fosse menos consciente e dissesse pros seus padrões olha isso aqui não pode, mas não, eles deixam se levar, se o patrão dizer oia sacode isso aqui dentro do mangue, se morre caranguejo ou não mais sacuda, eu não posso não porque vai prejudicar meus amigos da comunidade, mas não eles não pesam nisso”*.

Ao realizarem comparações entre os níveis de empregos gerados pelo parque eólico e pela carcinicultura um morador esclarece que *“a carcinicultura gera muito mais emprego, a eólica chegou a empregar no máximo umas 40 pessoas e nem tudo do lugar e a carcinicultura só em um viveiro, vamo supor um quadrado de viveiro tem condições de abrigar, só essa fazenda aqui 40 pessoas”*. Em funções das oscilações da produção do camarão na comunidade, os moradores consideram que estas ocupações são trabalhos de riscos,

“tem hora que eles estão com mais gente, tem hora que tem menos gente, nois já passemo por 2 momentos desse que foram completamente secos, esvaziados e que não da mais emprego a ninguém e que os tanques fica abandonado e tem hora que eles voltam com tudo e diz pra todo mundo que é muito bom, e agora nois estamo nesse momento, o primeiro, baque que eles tem joga logo os trabalhadores pra fora”.

Diferentemente do parque eólico, as ocupações disponíveis na carcinicultura não necessitam de mão de obra qualificada, por isso, os moradores acreditam que ela consegue ofertar uma maior quantidade de postos de emprego *“não na carcinicultura tem mais até*

mesmo porque é mais e a eólica precisa de mais gente qualificava e a carcinicultura não precisa é mão de obra bruta mesmo e tem mais viveiros”.

Apesar das novas ocupações geradas pela carcinicultura, diversos moradores relatam que essa atividade gera mais prejuízos do que benefícios para a comunidade, na tabela 17, constam que tanto o parque eólico como a carcinicultura apresentam um alto índice de prejuízos para a comunidade, entretanto, a carcinicultura apresenta valores superiores em relação ao parque eólico, nos níveis de comparação o parque eólico apresentou 10 indicações no escore 4 (muito pouco menos) e no escore 5 (muito menos) que a carcinicultura.

Tabela 17 – Respostas aos níveis de prejuízos e benefícios gerados pela carcinicultura

Categoria	Quantidade de indicações	Nível de prejuízos*					Média	Mediana	Nível de alteração** comparado a carcinicultura					Média	Mediana
		1	2	3	4	5			1	2	3	4	5		
Benefícios	5														
Prejuízos	16	6	3	0	6	2	2,61	2	0	1	2	10	5	4,06	4
Indiferente	1														

* 1 = muito prejuízo; 2 = prejuízo; 3 = nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco de prejuízo; 5 = nenhum prejuízo
 ** 1 = muito mais; 2 = muito; 3 = nem concorda e nem discorda; 4 = um pouco menos; 5 = muito menos

Fonte:

Na tabela 17, é possível visualizar que os benefícios foram apontados por 5 famílias (n=19), sendo que entre estas famílias, 4 também evidenciaram que houve benefícios com a sua instalação, *“no começo trouxe muita briga e tudo, mas também trouxe muitos benefícios, também gerou muito dinheiro aqui na comunidade”*, outro morador ressalta que a carcinicultura trouxe uma pouco mais de prejuízos comprado a energia eólica

“pois é os viveiros de camarão tem um agravante que vai passar dos 50% dos prejuízos e eu vou te dizer porque os maiores beneficiados não é todo mundo daqui né, digamos ao invêz de um cara que tem uma área com 2 viveiros ele tem uma casa na capital, lá praia de Iracema, e não sei mais aonde, eu conheço, eu sei que tem, tem uma casa da cidade, e a gente não passando por tudo, tendo que tomar banho no rio poluído, pescar no rio poluído, no rio em que o peixe não é mais o mesmo porque muitos foi embora, então se a gente for ver por esse lado, ver a realidade o impacto da carcinicultura é mais de 50% é maior desvantagem do que vantagem”.

A carcinicultura e o parque eólico ocasionaram diferentes impactos sociais e ambientais, tendo um papel fundamental na atuação situação de insegurança fundiária. Os principais impactos e conflitos referem-se a limitações do uso do território e seus recursos que atingem diretamente os meios de vida da população local, já que esses recursos integram grande parte da renda e do consumo alimentar da comunidade.